

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB**

**INSTITUTO DE LETRAS – IL**

**DEPTO. DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS –LIP**

**ELEVAÇÃO DA VOGAL PRETÔNICA: CONTEXTOS ESPECÍFICOS DE  
PROVÁVEIS CATEGÓRICOS.**

**FERNANDO CUNHA BARBOSA**

**ORIENTADOR: ANTÔNIO AUGUSTO SOUZA MELLO**

**BRASÍLIA**

**2011**

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB**

**INSTITUTO DE LETRAS – IL**

**DEPTO. DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS –LIP**

**ELEVAÇÃO DA VOGAL PRETÔNICA: CONTEXTOS ESPECÍFICOS DE  
PROVÁVEIS CATEGÓRICOS**

**Monografia de conclusão de curso; requisito  
para formação no curso de Letras- Português  
UnB.**

**BRASÍLIA**

**2011**

## ÍNDICE

Introdução .....	6
1- Da sociolinguística ao fenômeno categórico .....	8
1.1 Sociolinguística: variação e mudança .....	8
1.2 Sociolinguística e o fenômeno categórico .....	10
2- Delimitação do fenômeno categórico .....	13
2.2 Como se dá o fenômeno categórico? <i>Proposta neogramática x proposta difusionista</i> .....	14
3- O fenômeno da elevação categórica geograficamente localizado .....	17
3.1 Pequena visão histórica da elevação da vogal pretônica .....	17
3.2 Os trabalhos realizados .....	18
3.2.1 Geruza de Souza Graebin (2008) .....	18
3.2.2 Gustavo da Silveira Amorim (2009) .....	22
3.2.3 Stela M. Bortoni /Christina A. Gomes /Elizabete Malvar (1992) .....	26
3.2.4 Maria José Blaskovski Vieira e Leda Bisol (2009) ....	28
3.2.4.1 Maria José Blaskovski Vieira .....	28
3.2.4.2 Leda Bisol (2009) .....	32
4- Revisão bibliográfica sobre a descrição fonológica do fenômeno .....	36
5- Conclusão .....	40



## LISTA DE SÍMBOLOS

### • Transcrição

Transcrição fonética	[ ]
Transcrição fonológica	/ /

### • Vogais

Vogal anterior médio-aberta	[ɛ]
Vogal anterior médio-fechada	[e]
Vogal anterior alta	[i]
Vogal central baixa	[ə]
Vogal posterior médio-aberta	[ɔ]
Vogal posterior médio-fechada	[o]
Vogal posterior alta	[u]
Vogal anterior alta nasal	[ĩ]
Vogal anterior médio-aberta nasal	[ẽ]
Vogal central baixa nasal	[ã]
Vogal posterior médio-aberta nasal	[õ]
Vogal posterior alta nasal	[ũ]

### • Consoantes

Oclusiva alveolar surda	[t]
Oclusiva alveolar sonora	[d]
Fricativa alveolar surda	[s]
Fricativa alveolar sonora	[z]
Fricativa labiodental surda	[f]
Fricativa alveopalatal surda	[ʃ]
Fricativa alveopalatal sonora	[ʒ]
Fricativa labiodental sonora	[v]
Fricativa velar surda	[x]
Fricativa velar sonora	[r]
Oclusiva bilabial surda	[p]
Oclusiva bilabial sonora	[b]
Oclusiva velar surda	[k]

Oclusiva velar sonora	[g]
Nasal alveolar	[n]
Nasal alveopalatal	[ɲ]
Nasal bilabial	[m]
Lateral alveopalatal	[l]
Lateral palatal	[ʎ]
Vibrante alveolar	[r]
Africada alveopalatal surda	[tʃ]
Africada alveopalatal sonora	[dʒ]

## INTRODUÇÃO

O fenômeno de elevação da vogal pretônica, aqui estudado, consiste na realização dos fonemas /e/ e /o/, que possuem geralmente sons de **vogais médias** [e, ɛ, o, ɔ], como vocóides de **ponto de articulação alto** [i, u]. É recorrente, quando se analisa tal situação linguística, a tentativa de se demonstrar regras viáveis para que o fenômeno seja pontualmente localizado e condicionado. No entanto, tal variação da língua portuguesa surge com as mais diferentes facetas, sendo, aparentemente, influenciada por fatores distintos em cada contexto fonológico em que se apresenta.

Dentre outros motivos, alguns citados neste trabalho, justifica-se o fenômeno de alçamento pela harmonização vocálica. Em outro momento, a assimilação de algum traço da consoante que segue a vogal é a motivação mais viável. Juntam-se a esta variabilidade de normas condicionantes as ocorrências diferenciadas em cada região do nosso vasto território, tornando a elaboração de regras um processo que deve ser minuciosamente descrito tanto sob o prisma linguístico como sob o aspecto social e regional. Esse contexto multifacetado demanda uma análise de grande amplitude, o que não seria viável neste trabalho.

O que se busca na pesquisa aqui explicitada é a utilização de dados sociolinguísticos, para não perdermos os contextos sociais, regionais, etc., com o intuito de perfilhar um estudo fonológico fundamentado em aspectos daquele campo da linguística. Desses dados serão extraídos os contextos categóricos, ou seja, o objetivo não é listar regras mas sim demonstrar que há uma vertente

da elevação da vogal pré-tônica que já cumpriu o fator da mudança linguística, e que esta situação é, por vezes, deixada de lado. De posse desses dados, pode-se sugerir que já existe a elevação em 100% para as vogais do português brasileiro em contextos determinados.

# 1- DA SOCIOLINGUÍSTICA AO FENÔMENO CATEGÓRICO

## 1.1- Sociolinguística: variação e mudança

Antes de contabilizar os dados categóricos, é necessário fazer um breve resumo sobre estudo sociolinguístico segundo a concepção proposta por Labov. O postulado deste abre caminho para a fixação do conceito de *fenômeno categórico* uma vez que o entendimento de tal conceituação só é possível a partir da compreensão da variabilidade da língua, proposta pelo autor.

Em termos gerais, podemos dizer que sociolinguística surgiu em meados da década de 60, em um congresso organizado pelo linguista William Bright, dando relevância ao caráter ambiental da língua, ou seja, o contexto no qual se insere o falante é relevante para o estudo linguístico.

Segundo Labov<sup>1</sup>, *apud* Monteiro (2008), os fatos linguísticos têm caráter eminentemente social e estes poderão ser submetidos à variabilidade, já que a sociedade descreve uma transformação cultural e linguística. Essa evolução toma forma nos meios de comunicação pois todos os mecanismos de troca de informação são suscetíveis à mudança, incluindo nesse rol a língua. Sendo assim, a maioria dos indivíduos não produz um discurso coerente e racional, uma vez que é marcado por numerosas oscilações, contradições e

---

<sup>1</sup> Labov, William (1972). *A Quantitative Study of Sound Change in Progress*. Philadelphia: U. S. Regional Survey.

alterações (reflexos sociais); até mesmo a igualdade entre dois falantes, em termos de linguagem, é quase impossível devido à dificuldade de se manter experiências linguísticas idênticas.

No entanto, não podemos dizer que essa suposta falta de coerência e racionalidade no discurso é sinônima de agramaticalidade uma vez que elas são inteligíveis entre os falantes das línguas. Como bem expõe Alkmim (2003)

Ao estudar qualquer comunidade linguística, a constatação mais imediata é a existência de diversidade ou da variação. Isto é, toda comunidade se caracteriza pelo emprego de diferentes modos de falar. A essas diferentes maneiras de falar, a Sociolinguística reserva o nome de *variedades linguísticas*.

Considerando as ocorrências variáveis na língua, pode-se dizer que essas variedades percorrem dois parâmetros básicos: a variação geográfica (diatópica) e variação social (diastrática). Esta variação pode tornar-se permanente, caracterizando assim uma mudança linguística.

Portanto, conclui-se que a sociolinguística é um ramo que pode abranger qualquer que seja o fenômeno relacionado à língua, desde que este seja produtivo e aceito dentro de uma comunidade de fala, deixando bem claro, conforme Labov<sup>2</sup>, citado por Monteiro (2008), que mesmo os modelos abstratos de variação serão invariantes em níveis particulares de uso.

---

<sup>2</sup> Labov, William (1968). *The reflection of Social Processes in Linguistic Structures*. In: Fishman, Joshua (ed). *Readings in the Sociology of language*. The Hague: mouton, p.240-51.

## 1.2 Sociolinguística e o fenômeno categórico

Segundo Bright<sup>3</sup> (1966), citado por Monteiro (2008), a sociolinguística percebe a diversidade da língua sob três ângulos: identidade social do emissor, identidade social do receptor e as condições da situação comunicativa. Esses três aspectos são balizadores para o estudo da variação e nos servirão, em alguns aspectos, para ajudar a compreender os condicionadores dos fenômenos de mudança linguística.

Dessa forma, a linguística travestida do escopo social buscará analisar todas as condições sociais pelas quais a produção efetiva da língua permeou. O que nos parece evidente uma vez que não é possível pensar em língua exclusiva de um escopo social aliado às implicações de ordem psicológica, fisiológica, etc.. Conforme Monteiro (2008):

a função da língua de estabelecer contatos sociais e o papel social, por ela desempenhado, de transmitir informações sobre o falante constituem uma prova cabal de que existe uma íntima relação entre língua e sociedade.

Para demonstrar a influência social sobre a capacidade linguística dos indivíduos, pode ser utilizada como exemplo a clássica situação dos esquimós que reconhecem, variadamente, uma gama de cores que para nós,

---

<sup>3</sup> Bright, William (1966). Introduction; The Dimensions of Sociolinguistics. In: - (ed) sociolinguistics. Proceedings of the UCLA Sociolinguistics Conference, In: Fonseca, M. Stella Vieira & Neves. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

peças que não vivem na neve, apenas restringe-se ao gênero branco. Isto comprova que a língua existe em função das necessidades sociais de designar e nomear a realidade. É neste ponto que a sociolinguística se destaca, uma vez que objetiva-se captar as mudanças resultantes de um condicionamento social.

Monteiro (2008) também traz à tona o sentido existente entre macro e micro linguística, cabendo à sociolinguística a parte micro em que os efeitos dos fatores sociais específicos são analisados, contabilizando estatisticamente os condicionamentos da regra variável. No entanto, o que nos interessa no momento não é a regra variável, mas a situação que é peculiar entre a variação e a mudança, isto é, o fenômeno categórico.

Define-se critério categórico como uma realização regular derivada de uma regra variante, ocorrendo em ambientes específicos de situações variacionais. Assim, um determinado fonema pode realizar-se de maneiras diferentes, mas em situação categórica, há uma concretização fonética que se torna única em um dado contexto sem suplantando a outra forma de variação. Caso contrário, estaríamos nos referindo ao fenômeno da mudança. Para exemplificar, tomemos como exemplo a possibilidade de uma realização variável do fonema /e/ em [i] ou [e]:

- “m[i]nino”

- “m[e]nino”

Dessa variação, poder-se-ia dizer que em certos contextos criou-se certa estabilidade, no caso, o uso constante da vogal alta [i], descrevendo um fenômeno de elevação já estratificado. No entanto, não podemos assinalar que

houve mudança uma vez que ainda há dados que não apresentam a elevação, por exemplo:

- d[i]cidir = '*decidir*'

A elevação, no exemplo acima, não é um fenômeno recorrente nos dialetos brasileiros, podendo, no máximo, ser apenas característica de um ambiente específico.

Até aqui, vimos que as línguas variam, contabilizando que elas não permanecem estáticas. A partir dessa variação, é possível realizar experimentos linguísticos em diversos níveis: fonético, pragmático, léxico, morfológico, sintático, etc.. Cumpre, agora, discutir como podemos pegar esses dados sociolinguísticos de variantes e transpô-los para a perspectiva de estudos fonéticos e fonológicos.

## 2- DELIMITAÇÃO DO FENÔMENO CATEGÓRICO

Este capítulo tratará sobre como podemos delimitar as regras variantes, tanto socialmente quanto economicamente. Dentro do limite traçado, explanar-se-á sobre possíveis explicações teóricas para as variações fonológicas. Dessas últimas situações, podemos extrair sobre certas situações categóricas que se mostram interessantes quando se detalha os ambientes fonéticos no estudo sociolinguístico.

### 2.1 Estudos fonológicos delimitados em dialetos

Primeiramente, é pertinente definir o conceito de dialeto para criarmos delimitações referenciais ao quadro de análise linguística, tornando possível a comparação entre esses quadros delimitadores que são recorrentes nos trabalhos de sociolinguística.

Tomando como referência as explicações de Monteiro (2008), destaca-se que esse autor adota uma perspectiva relativa, dando a possibilidade de definição variável ao que seria uma vertente dialetal. A língua portuguesa pode nos servir como uma boa referência neste momento, ao passo que podemos atribuir o conceito de dialeto distinto ao português da Angola, ao do Brasil, ao de Cabo Verde, e assim por diante. No entanto, podemos também dizer que dentro da delimitação brasileira há também diferentes dialetos, entre os quais o carioca, o cearense, o pernambucano, etc.. Portanto, vemos que essa terminologia torna-se útil a partir do momento em que é possível definir, geograficamente ou socialmente, onde e aquilo que está

sendo comparado. Um exemplo de dialeto definido segundo critérios sociais é aquele oriundo da contraposição entre variedade padrão e coloquial.

Os dialetos aqui analisados compreenderão o aspecto regional de 3 (três) cidades em diferentes estados da federação, buscando-se confrontar informações a respeito do uso categórico da vogal pretônica elevada. O objetivo desta comparação é confirmar a difusão da vogal elevada em diferentes localidades. Tudo isso se faz necessário para descrição de um novo quadro fonológico brasileiro, cuidando este trabalho de oportunizar tal descrição.

## **2.2 Como se dá o fenômeno categórico? *Proposta neogramática x proposta difusionista***

Dentro desse cenário definido, é possível investigar, localizadamente, se existem regras gramaticais para elevação da vogal pretônica e se esses mesmos locais compartilham de motivações semelhantes para que tal fenômeno se apresente como categórico.

Segundo Monteiro (2008), algumas ocorrências linguísticas são tidas como categóricas por serem delimitações que os falantes não violam. De acordo com Wardhaugh<sup>4</sup>, citado por Monteiro (2008), são regras que especificam exatamente o que é- e conseqüentemente o que não é- possível na língua. Como já comentado no capítulo anterior, esse conjunto de impossibilidades são invariantes específicas de um fenômeno de variação.

---

<sup>4</sup> Wardhaugh, Ronald (1993). *An Introductino to Sociolinguistics*. 2ª ed. Oxford/Cambridge: Black. 400p.

Relembramos que o fenômeno categórico possui a particularidade de ser derivado de uma variável linguística, isto é, de “formas alternantes que expressam a mesma coisa num mesmo contexto” (Monteiro, 2008. pág. 59). Exemplificando, podemos dizer que não há diferença semântica na vogal pretônica realizada em Recife com [e], [i] ou [ɛ], ou seja, não existe perda do referencial.

O exemplo acima citado elucida exatamente a variação que precedeu o suposto fenômeno de categorização, tendendo a língua a fixar vogal alta [i]. Segundo os preceitos da sociolinguística citados por Monteiro (2008), seria uma variação que não pode ser chamada de livre rigorosamente, pois o falante tem motivações para escolher cada uma das formas, mesmo que elas sejam inconscientes.

Contudo, ainda que a escolha do falante seja inconsciente, há, segundo os linguístas, uma motivação para os fenômenos de mudança linguística. Duas visões centrais podem ser tomadas para essa justificação: visão neogramática e visão difusionista.

A primeira faz jus a um pensamento tradicional no qual não há margem para irregularidades fonéticas. Seguindo a exposição feita por BORTONI, GOMES E MALVAR (1992), fatores fonéticos condicionam a mudança, e esse condicionamento aplica-se a todos os contextos semelhantes. Dessa forma, se há uma mudança na vogal pretônica, por exemplo, da palavra *p[i]queno*, presume-se que essa se deu em todos os contextos pretônicos semelhantes, isto é, sílabas pretônicas iniciadas por oclusiva bilabial apresentarão elevação da vogal.

Já sob o prisma da difusão lexical, a mudança ocorre na palavra e não no som. Dessa forma, encontraremos irregularidades nos fenômenos de mudança uma vez que alguns grupos de palavras irão demonstrar transmutação e outros grupos não compartilharão da mesma alteração. Se retornarmos ao exemplo anterior, segundo a visão difusionista, o contexto – iniciado por oclusiva bilabial- não seria suficiente para justificar a mudança, ou seja, existirão sílabas pretônicas com o mesmo ambiente fonético sem, contudo apresentar a mesma mudança. Um exemplo seria a realização única e exclusiva da palavra *p[e]pino* sem elevação. Nas palavras de Monteiro (2008, pág. 115), “somente algumas palavras que têm a vogal serão afetadas num primeiro momento, depois outras, mais outras, e assim sucessivamente, até que a mudança se complete”.

Tendo essas definições explicitadas, chega-se a conclusão de que as visões descreveriam uma via de mão dupla. Digo isto em razão de a mudança neogramática descrever um fenômeno fonético gradual e lexicalmente abrupto uma vez que atinge todos os contextos fonéticos das palavras semelhantes. Já a mudança difusionista é lexicalmente gradual e foneticamente abrupta, pois esta evolução é repentina.

Neste trabalho suscitaram-se a conciliação entre as duas propostas, adotando a perspectiva vislumbrada em Labov (1994)<sup>5</sup>, apud Monteiro (2008), em que tanto a mudança fonética regular quanto a difusão lexical são processos ativos e produtivos, uma vez que o parece ser importante é predizer quando ocorre um ou outro tipo de transição.

---

<sup>5</sup> Labov, William (1994). *Principles of Linguistic Change*. Oxford: Blackwell Publishers, v.1. 633 p.

### **3- O FENÔMENO DA ELEVAÇÃO CATEGÓRICA GEOGRAFICAMENTE LOCALIZADO.**

Cumpre, neste momento, vislumbrarmos alguns trabalhos embasados na linguística social, com o intuito de verificar as situações categóricas apresentadas nestes, uma vez que elas tendem ser excluídas do escopo de análise. Busca-se contabilizar contextos de elevação das vogais pretônicas médias para realização alta, contabilizando 100% de ocorrência, da seguinte forma:

*/e/ → /i/*

*/o/ → /u/*

#### **3.1 Pequena visão histórica da elevação da vogal pretônica**

Se formos procurar um ponto inicial para o fenômeno da elevação da vogal pretônica, descobriremos que ele não resulta de uma variação recente. Dados apresentados por Oliveira (2009) sobre o percurso descrito entre português arcaico e português atual mostram que textos oitocentistas escritos por afro descendentes possuíam carga de influência da fala, formalizando, dentre outros fenômenos, o do alçamento da vogal.

Também não podemos reduzir a questão apenas ao campo linguístico dos afro-descendentes, uma vez que a vogal elevada mostrava-se como fenômeno de variação já em gramáticas do século XVI. Conforme trecho exposto por Fernão de Oliveira, citado por Freitas (2001):

*Ante u e o pequeno há tanta vezinhança que quase nos confundimos dizendo uns somir e outros sumir e dormir ou durmir e bolir ou bulir e outras muitas partes semelhantes. E outro tanto entre i e e pequeno como memória ou memórea e gloria ou glorea.*

Essa consideração só reforça a antiguidade do fenômeno aqui estudado.

### **3.2 Os trabalhos realizados**

Neste momento, faz-se pertinente demonstrar os dados colhidos em outros trabalhos para que assim seja possível atribuir alguma fixidez ao fenômeno de categorização do alçamento da vogal pré-tônica. Para tanto, foram escolhidos quatro trabalhos que representam pólos regionais de estudo com o objetivo de averiguar a amplitude da realização alta da vogal, foram eles: *“o comportamento do /e/ e do /o/ pré-tônicos: um estudo variacionista da língua falada culta do Recife.”* por Gustavo da Silveira Amorim; *“A fala de Formosa/GO: a pronúncia das vogais médias pretônicas”* de Geruza de Souza Graebin; *“as vogais pretônicas na fala culta do noroeste paulista”* Ana Amélia Menegasso da Silveira; e por fim, *“Português do sul do Brasil”* organizado por Leda Bisol e Gisela Collischonn.

#### **3.2.1 Geruza de Souza Graebin (2008)**

Observando as considerações sobre os dados coletados por Graebin (2008), constata-se que a autora faz um estudo variacionista

analisando um *corpus* de 14 informantes da cidade de Formosa /GO, sete homens e sete mulheres. Esse grupo situa-se entre uma faixa etária de 30 e 45 anos, com a justificativa de se contabilizar falantes que trabalham em Brasília, uma vez que esse critério se fazia importante para destacar a influência linguística causada pela proximidade com a capital.

Na coleta das informações, deu-se importância prioritária aos dados variantes, descartando situações que apresentavam pronúncia categórica como em m[i]nino, d[e]pois, b[u]nito e ap[e]sar. Em situações que também apresentam quantidades majoritárias, como nos ditongos decrescentes –ei ‘ac[ei]ta’ e -oi [oi]tenta, também há descarte dos dados.

Uma vez descartados os contextos categóricos, cumpre alçar as tendências demonstradas pela autora a fim de definirmos certos padrões que favorecem ou não a elevação. Começamos com os elementos que contribuem para elevação:

- I) Em contexto nasal, os vocóides [ĩ] e [ẽ] na sílaba tônica favoreceram a elevação de /e/, p[i]dindo, d[i]senvolve; a alta nasal [ũ] elevou ambas pretônicas, n[i]nhum, pr[u]nunciar;
- II) A alta anterior mostrou-se como fator favorecedor para o alteamento tanto para o /e/ como o /o/ pretônicos, m[i]nimo, m[u]tivo;
- III) Em relação à presença de consoantes, o alteamento da pretônica /e/ é maior entre as consoantes com o traço [+ alto] (pós-alveolares, palatais e velares);

- IV) Os índices mais elevados pertencem aos contextos com travamento em /N/ e hiato, *[i]ncantado, c[u]nvidarem, bloqu[i]ado, b[u]ato*.

Apesar do foco deste trabalho ser os contextos de elevação, é pertinente demonstrar situações que favorecem a manutenção ou abaixamento com o intuito de listar situações que excluem o alçamento. Para a preservação da altura mediana da vogal, foram contributivos os seguintes contextos:

- I) A vogal alta posterior presente na sílaba tônica manteve o /o/, *pr[o]cura*, assim como as médias anteriores altas [e] e a baixa [ɛ], *g[o]verno, c[o]meça*;
- II) No campo dos contóides, os bilabiais e os labiodentais [traço -alto] favoreceram a elevação. *S[u]brinho, g[u]verno*.

O abaixamento tende a surgir nos seguintes contextos

- I) Quando seguido pela glotal [h]. *r[ɛ]curso*.
- II) O /o/ favoreceu o abaixamento de /e/, *m[ɛ]lhor*.

Um outro aspecto relevante ressaltada por Graebin (2008, p.188) refere-se ao distanciamento da sílaba tônica em relação a vogal que sofre alçamento. Segundo a autora:

*o índice de elevação decresceu à medida que a vogal /o/ se distanciou da sílaba tônica. Para o /e/, quando esteve a*

*duas ou três posições silábicas da sílaba tônica, a elevação e o abaixamento foram favorecidos.*

Por fim, a autora faz referências às variáveis extralinguísticas, o que é importante anotar para constatar a possível influência destas na realização categórica. Na primeira delas - classe econômica – houve disposição para a afirmação de que a classe média tende a abaixar as vogais médias pretônicas. Já classe alta descreve a tendência de manutenção tanto do /e/ quanto do /o/. Portanto, com os dados apresentados, não é possível afirmar que o fator econômico é motivador de elevação categórica da vogal pretônica.

No tipo de discurso diálogo, os resultados foram favorecedores do abaixamento de /e/ e para elevação das demais médias pretônicas, enquanto a leitura de textos apresentou resultados favorecedores apenas para a manutenção de ambas as vogais pretônicas.

Como última variável pertinente, destacamos o fator apresentado por Graebin como “contato com Brasília”. Segundo a autora, os informantes de Formosa que se inserem no contexto linguístico da capital direcionam a fala para a elevação de /e/.

Podemos concluir, juntamente com as ponderações da autora, que a pretônica /e/ iniciando o item tende à elevação quase categórica. No entanto, contextos e/N/ e e/S/, provavelmente por questões históricas, estão estabelecidas. Já em relação ao alçamento de /o/, há a afirmação de contextos favoráveis à forma alta, mas não uma regra fonológica categórica. Segundo Graebin (2008), há sim itens específicos detectados como categóricos, como b[u]nito e p[u]lícia.

### 3.2.2 Gustavo da Silveira Amorim (2009)

Amorim (2009) utiliza um *corpus* de 12 falantes residentes na cidade de Recife – PE, abrangendo apenas indivíduos cujos pais têm nível superior, sendo que estes não se ausentaram da cidade por mais de 2 (dois) anos. A partir dessa amostra, o autor faz um estudo do comportamento das vogais pretônicas subdividindo os informantes estudados em:

- 1) sexo/gênero: masculino (6) e feminino (6);
- 2) idade: 1) até 39 anos (3 mulheres e 3 homens); 2) de 40 anos ou mais (3 mulheres e 3 homens);

Estes informantes foram submetidos à entrevista direcionada - leitura de textos e leitura de palavras, com o objetivo de aferir qual o nível de consciência fonológica do falante uma vez que, supostamente, aquele que lê adota um maior grau de formalidade do que os que não têm um texto direcionador.

O autor exclui do seu campo de análise dados que refutam a regularidade do fenômeno da variação, e justamente nessa exclusão que podemos encontrar dados categóricos. Quanto à elevação da vogal pretônica, segundo Amorim (2009), podemos encontrar categoricidade em palavras iniciadas em EN- e ES-, exemplificadas em ensino, escola, entrevista, etc.. Em geral, as vogais pretônicas nasais são fortes candidatas à elevação ou à manutenção na pronúncia médio-alta, nunca na variedade médio-baixa. Ex: *pensando, reconhecida, sentindo*.

Em um aspecto geral, Amorim (2009) chegou à conclusão de que houve uma proeminência do uso da vogal média fechada pelos recifenses. Dos 6.360 dados coletados pelo autor, 1.916 (31%) correspondiam à variante anterior médio-fechada, e 1.238 (19%) à posterior médio-fechada. Já as vogais altas apresentaram menor freqüência, sendo que 354 foram os dados para anterior alta [i], e 323 as ocorrências para [u]. Estes dados não excluem a existência do recurso categórico, mas sim podem ajudar a definir contextos específicos de ocorrência das vogais alçadas.

Para especificar os contextos dos dados coletados, Amorim (2009) utilizou-se de certos parâmetros extralingüísticos (2- sexo e idade) e linguísticos (10), estes últimos listados a seguir:

a) Contexto Fonológico Precedente e Contexto Fonológico Posterior

Baseado no ponto de articulação do segmento que antecede a vogal pretônica ou que a sucede: bilabial [p,b,m]; labiodental [f,v], palatal [ɲ,ʎ, ʃ, ʒ], alveolar-dental [t,d,n, f, l, s, z], velar [k,g], glotal [h].

b) Extensão

Quantidade de sílabas apresentadas no vocábulo que mais contribui para os fenômenos em pauta. Foram classificados da seguinte forma: dissílaba, trissílaba e polissílaba.

c) Posição quanto à sílaba tônica

Averiguar qual a posição da vogal pretônica que mais favorece aos fenômenos estudados. “Se a posição contigua ou não resultaria em algum

argumento relevante. Distância 1 *m[e]nino*, Distância 2 *ac[e]lerou*, Distância 3 *b[u]checava*.”

d) Atonicidade

A natureza da vogal pretônica quanto à atonicidade, podendo ser uma átona casual, aquela que por consequência do processo derivacional pode adquirir tonicidade: *sofrimento* – *sofro*, *corrida* – *corre*, e átona permanente, a que se mantém sempre átona por todo o paradigma: *boneca*, *governo*, *vermelho*.

e) Tipo de vogal tônica

Nada mais é do que a vogal que ocupa o centro da sílaba tônica.

f) Vogal pretônica seguinte

Assim como o tipo de vogal tônica, verificou-se no trabalho de Amorim (2009) o tipo de vogal pretônica adjacente ou não que aparece como favorecedora ou não dos fenômenos estudados.

g) Tipo de sílaba

O tipo de sílaba no que diz respeito ao padrão silábico: aberta */cebola/* ou fechada */dissertação/*.

h) Natureza do vocábulo

Observar se os vocábulos nominais e verbais exerciam influência no comportamento das vogais pretônicas.

i) Natureza do *Corpus*

Em que é averiguado se o *corpus* oriundo de fala espontânea, leitura de texto ou leitura de lista de palavra é indicativo de alternância na quantificação da elevação da vogal pretônica.

j) Padrão silábico

A última variável com o intuito de verificar qual a estrutura silábica mais favorável ou não à aplicação dos fenômenos estudados: 1 – CV, 2 – CVC, 3 – CCV e 4 – CCVC.

Com base nos padrões anteriormente listados, Amorim (2009) chegou às seguintes conclusões:

- 1) Os segmentos consonantais alveolares / dentais, bilabiais e palatais em posição anterior contribuem para o abaixamento e para a elevação de /e/. *T[ɛ]lêfone (abaixamento), C[i]mitério (elevação)*.
- 2) Os labiodentais contribuíram para o abaixamento e para a manutenção. *V[e]stígio (mantém)*.
- 3) E as consoantes velares e a glotal favoreceram a manutenção e a elevação da anterior média. *Qu[i]rido (elevação), r[e]lógio (baixa)*.
- 4) Os segmentos vocálicos anteriores, na sua totalidade, contribuem mais para a realização alta do que para a baixa.
- 5) As velares favorecem a manutenção e elevação também de /o/. *Gost[o]sura (manutenção), alg[u]dão (elevação)*.
- 6) Favorecem apenas o alteamento, as bilabiais. *b[u]neca, b[i]souro*.

### 3.2.3 Stela M. Bortoni /Christina A. Gomes /Elizabeth Malvar (1992)

Neste trabalho, como antes citado, estamos levando em consideração dialetos de regiões diferentes para tentar criar uma convergência de realização categórica da vogal pretônica. É dado o momento de fazer referência ao contexto brasiliense, uma vez que há citações de que o padrão falado na capital tende a apagar marcas regionais, o que poderá ser aferido quando compararmos com o trabalho de Graebin (2009), já que a autora usa o fator extralinguístico “*contato com Brasília*” para aplicar distinguir a fala típica da cidade de Formosa.

Segundo os dados apresentados por Bortoni, Gomes e Malvar (1992)-doravante B,G&M (1992) - em Brasília, não existe um substrato predominante uma vez que 67,6% da população é proveniente de outros estados (censo de 1980), ressaltando que há uma maioria nordestina nesse composto percentual. Esse tipo de formação faz com que a geração de pais tenha mais características da região de origem, e os filhos tendem a apagar os traços regionais dos seus pais.

Para exemplificar a situação anteriormente citada, pode-se fazer referência à sistemática apresentada Bortoni-Ricardo<sup>6</sup> (1985), apud B,G&M (1992). A autora chegou à conclusão de que os migrantes de Minas Gerais, habitantes da periferia, instalados na capital antes dos doze anos de idade e que aqui estudaram, apresentavam menos traços dialetais não padrão do que os que vieram para Brasília e não freqüentaram as escolas do planalto central.

---

<sup>6</sup> BORTONI-RICARDO, Stella M (1985). *The urbanization of rural dialect speakers: a sociolinguistic study in Brazil*. Cambridge: Cambridge University Press.

Um outro dado que confere a ideia de apagamento de alguns traços regionais é o citado por Hanna (1996) no campo das realizações de /t/ e /d/ não africadas diante de /i/ em famílias paraibanas. Segundo a autora, a frequência africada foi de 60,1% para pais e 1,1% para filhos, tendendo o falar brasiliense a ter mais carga dos falantes que gozam de prestígio do que da variedade menos prestigiada, apesar desta estar em maior número. No que se refere à realização das vogais pretônicas como médias altas pelos falantes mais prestigiados (universitários nos dados de Hanna), 97% destes usam a média ou a alta, excluindo a vertente aberta muito usada na região nordeste.

Fazendo a análise dos dados, constata-se que as autoras atribuem à sequência /des/ a forma categórica. Como no exemplo: *d[ɨ]scoberto*. No dialeto Brasiliense, há também categoricidade da forma elevada [i] quando o hiato é formado por /e/ seguido de /a/. Ex.: *bas[i]ados, c[i]ará, pass[i]ata*. Conforme ponderações das autoras, não há condicionamento para o último fenômeno citado, que só pode ser explicado por condicionamento lexical. E, por fim, novamente os itens travados por /s/ ou /n/ são apresentados com realizações categóricas elevadas em [i].

### **3.2.4 Maria José Blaskovski Vieira e Leda Bisol (2009)**

Para fazer o parâmetro de realização da vogal média pretônica na Região Sul do Brasil, serão utilizados dois textos do livro *Português do Sul do Brasil* organizado por Leda Bisol e Gisela Collischonn. Nesse trabalho, Maria José Blaskovski Vieira faz um apanhado geral das vogais médias átonas, em posição postônica, nas três capitais do sul do País. É relevante tratar desta outra posição uma vez que é mais pacífico, no estudo linguístico, uma possível neutralização da vogal átona final, caminho que a elevação da vogal pretônica pode seguir em alguns contextos. Já Leda Bisol explana sobre o alçamento da pretônica sem motivação aparente.

#### **3.2.4.1 Maria José Blaskovski Vieira**

Na visão de Câmara Jr., a posição postônica final da vogal encontra-se neutralizada, reduzindo o sistema a cinco vogais categóricas na língua independentemente da vogal média que se manifeste. Sendo assim, a forma elevada da vogal átona seria regra corrente no Português do Brasil. Entretanto, segundo Vieira (2009), nos estados do sul do País, estudos mostram que a realização nessa posição é um processo variável. Também variável é a regra que se aplica sobre a posição postônica não-final.

A autora usa um *corpus* de 16 informantes habitantes das três capitais da região sul, totalizando 48 entrevistas. Seu intuito é discutir a realização estabilizada da vogal átona final, mesmo que em alguns dialetos, como afirma a própria linguísta, não haja uma neutralização completa. Em

contraposição a esses dados coletados estão as realizações, ainda variantes, dos demais contextos da vogal átona não final.

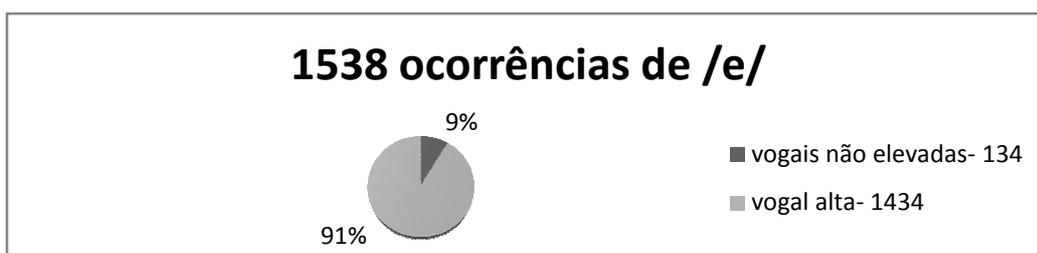
Em linhas gerais, a autora chegou à conclusão de que existe uma disparidade entre as três capitais da região sul:

O estudo apontou uma tendência de os falantes do Rio Grande do Sul elevarem tanto a vogal /e/ quanto a vogal /o/, os falantes de Santa Catarina apresentarem uma atitude neutra porque elevam praticamente na mesma medida em que preservam essas vogais, e os falantes do Paraná tendem a preservar as vogais médias. (...) Já Curitiba é a capital que mais preserva as vogais médias em posição não-final... (pag. 54)

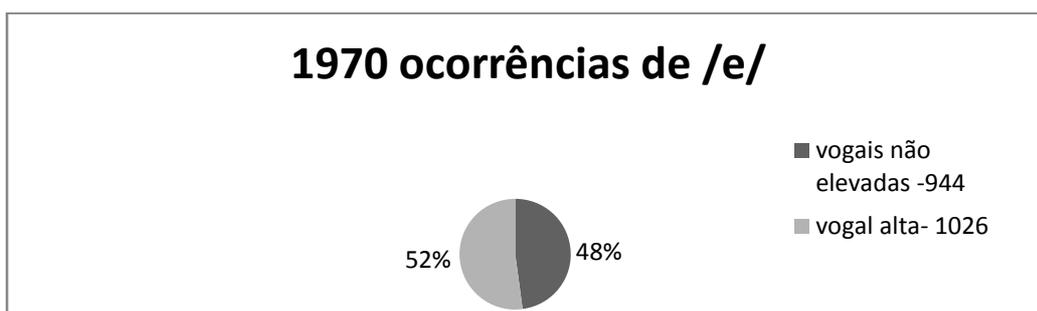
Na análise dos resultados por cidade, o estudo revelou que Porto Alegre é a capital que mais eleva as vogais /e/ e /o/ tanto em posição postônica final quanto não-final.

Para vogal 'e':

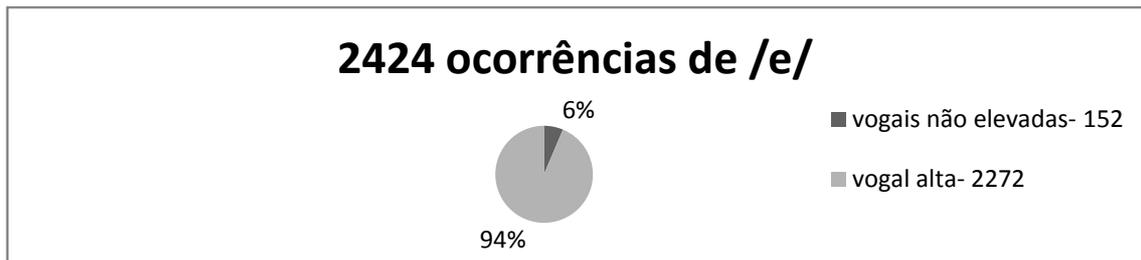
- Florianópolis



- Curitiba



- Porto Alegre



Segundo Vieira (2009, pág 59):

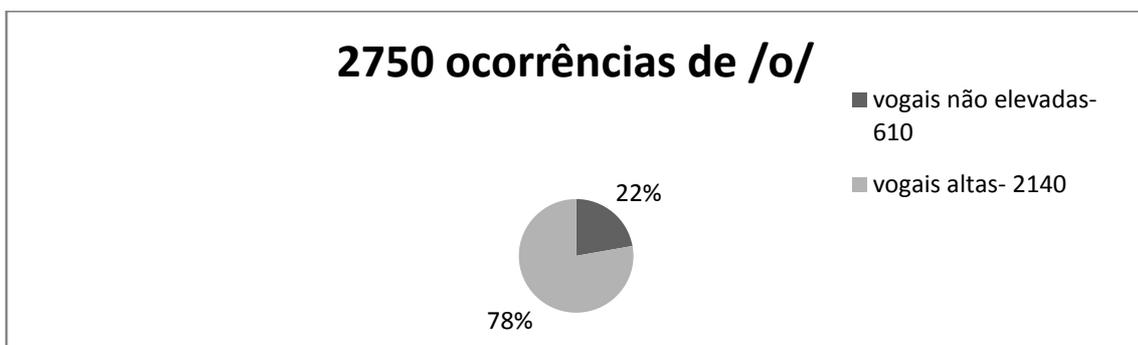
Apesar de os pesos relativos não serem tão altos, os números absolutos de Porto Alegre e de Florianópolis, no entanto, indicam que nessas cidades a regra de elevação de /e/ final é praticamente categórica.”

Voltando aos dados, é possível observar que, em muitos casos, a preservação ocorre quando a vogal encontra-se em sílaba fechada por soante, como em carát[e]r. Nesse caso, portanto, é um condicionamento linguístico que determina a não-elevação.

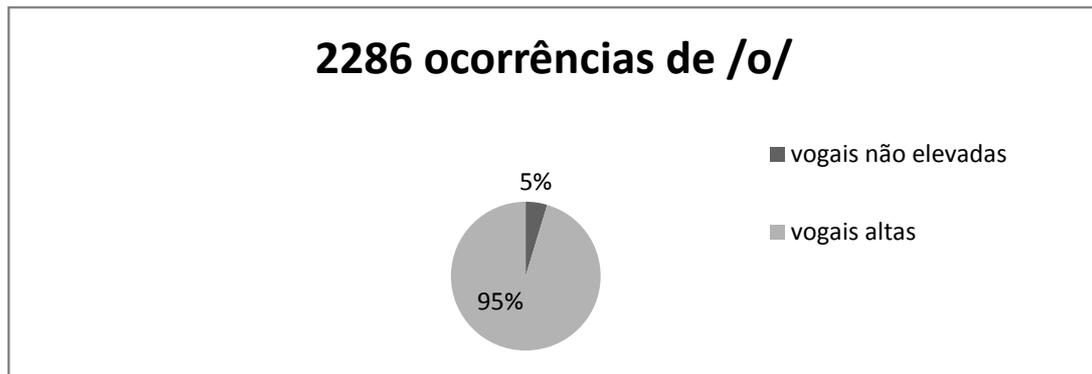
Para vogal /o/:

Nas palavras de Vieira (2009, pág. 94), “a elevação de /o/ postônico final são bastante altos, podendo ser considerados praticamente categóricos para Porto Alegre e Florianópolis.” Os gráficos a seguir elucidam a afirmação.

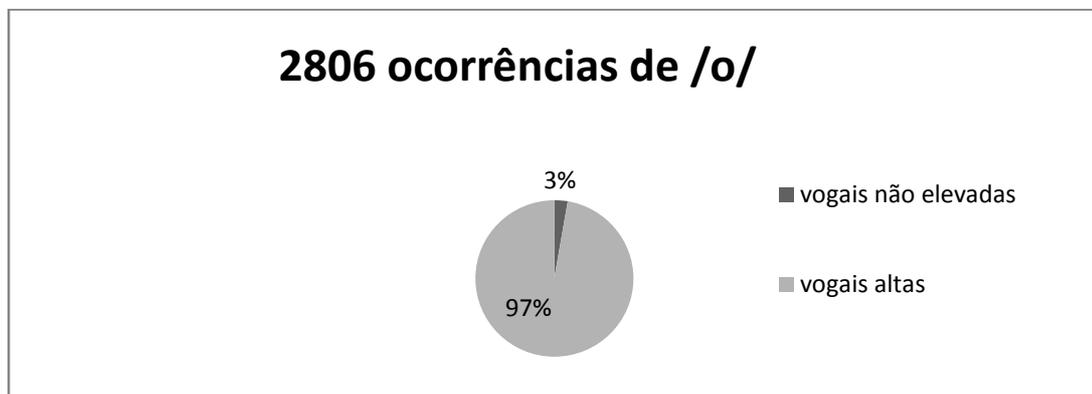
- Curitiba



- Florianópolis



- Porto Alegre



Pode-se concluir que existe realmente um fenômeno de categorização da vogal átona final, mas que tal fixidez não é permanente, no caso estudado, dentro da região sul. De maneira geral, a variabilidade de fatores pode ser elemento motivador que garante a não ocorrência do fenômeno de mudança. Segmentos com traço [+alto] tendem a favorecer a manifestação da vogal [i], principalmente na postônica final, mas desfavorecem a elevação de /o/. Sendo que dados geográficos e contextos específicos também são relevantes quando atuam como inibidores da elevação.

### 3.2.4.2 Leda Bisol (2009)

Leda Bisol usa, no seu estudo sobre a elevação da vogal pretônica, uma mescla entre as perspectivas difusionista e neogramática. No entanto, a autora expõe apenas os casos em que a motivação não é aparente, seguindo a vertente da difusão lexical, como já foi explicitado anteriormente. Os seguintes contextos são usados para justificar tal escolha:

A. Elevação da vogal /e/ inicial diante de [n] e [s].

empregada > [i]mpregada

estranho > [i]stranho

B. Harmonização Vocálica

coruja > c[u]ruja

mexerico > m[i]xirico

C. Palatalização

tia > [tʃ]ia

dica > [dʒ]ica

D. Vibrante

carro > ca[x]o

rato > [x]ato

#### E. Redução da pretônica

boneca > *b[u]neca*

colégio > *c[u]légio*.

É característica difusionista a existência de variação sem condicionador fonético. Nos exemplos supracitados, os itens (A, B, C) têm o seu condicionador fonético sendo que (D, E) não o têm. Isso é trazido à tona para que fique evidente a característica de não motivação em situações específicas, dando indícios de que a expansão pode ser o produto da ação analógica do falante. Para explicitar o dito papel condicionante, transcrevem-se aqui os seguintes motivadores apresentados por Bisol:

- (a) a nasal ou /S/;
- (b) a vogal alta;
- (c) e a vogal alta [-posterior].

Segundo Leda Bisol (2009. pág. 75):

Ignorar o papel do condicionador na análise trará por certo resultados equivocados. Por outro lado, algumas regras tem um domínio muito específico como (a), em que a nasal e /S/ engatilham o levantamento de /e/ inicial mas não em outra posição e em (c) em que a palatalização só atinge oclusivas alveolares. Isso indica que (a,c) são regras estritamente locais, o que não é o caso de (b) que, como o segundo exemplo mostra, pode espalhar-se para mais de uma vogal.

Segundo Bisol (2009. pág. 79), a elevação sem motivação aparente, tem o nível de uma regra neutralizadora que tende a mudar um subsistema de cinco vogais para três vogais, assim como ocorreu no português europeu.

Para concluir, Bisol (2009) expõe que regras de neutralização tendem a ser categóricas, mas não é o que ocorre em fase inicial do processo. Em dados do sul do País, esse alçamento da vogal média sem condicionador específico mostra-se de escasso uso. Se virá a ter efeitos maiores, só o decorrer dos tempos poderá expor.

#### 4) REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE A DESCRIÇÃO FONOLÓGICA DO FENÔMENO

O primeiro linguísta que descreveu o fenômeno de neutralização foi Mattoso Câmara. Essa descrição possui vínculos com o trabalho aqui exposto à medida que o autor expõe três quadros de vogais relacionados com a tonicidade da sílaba em que a vogal se encontra. São eles:

Vogais tônicas	/i, e, ε, a, o, ɔ, u/
Vogais pretônicas	/i, e, a, o, u/
Vogais postônicas finais	/i, a, u/

Assim, podemos observar uma tendência para a elevação das vogais na posição pretônica. Neste momento, também é importante suscitar outra importante autora, Eunice Pontes, que discorda de Mattoso no que tange às vogais nasais como fonemas, mas concorda com os quadros de vogais átonas propostas por Mattoso validando a análise deste.

Pensando na primeira e segunda articulação proposta por Camara (1974), nos interessa a segunda articulação, em que podemos perceber o desdobramento do fonema em alofones, que nada mais são do que variantes possivelmente condicionadas ou variantes livres. Nas palavras de Câmara (1974, pg.223), “cada fonema abrange um campo de realização mais ou menos amplo e envolve em sua unidade ideal as diferenças concretas, que são as Variantes.”

Para melhor definir o conceito de fonema, é pertinente usar o trabalho de oposição das unidades vocais como faz Câmara (1989, pág.33):

cada fonema, ou seja, cada conjunto de certos traços distintivos, opõe entre si as formas da língua, que o possuem, em face de outras formas, que não o possuem, ou possuem em seu lugar outro fonema; por exemplo, em português: ala, vala, vela(...).

Assim, não é a diferença articulatória e acústica que distingue primariamente dois fonemas, mas sim a possibilidade de determinarem significações distintas numa mesma situação fonética.

Segundo Câmara (1974), o falante altera as articulações subconscientemente debaixo da convicção de que estão sendo respeitadas as articulações tradicionais. O fonema pode variar amplamente na sua concretização de acordo com o ambiente fonético ou vinculado às particularidades dos falantes. Essa alteração pode se concretizar dando origem a um novo fonema, isto é, a passagem de uma variante posicional para fonema autônomo, ou a extinção de uma oposição dando origem a uma neutralização.

## **4.2 a sílaba tônica e pretônica**

As palavras em português, via de regra, apresentam uma sílaba mais forte (tônica), sendo local de incidência desse fenômeno a última, a penúltima ou a antepenúltima sílaba. A exceção cabe à possibilidade de a 4ª última sílaba como em [ˈtɛkiniku], que graficamente é simbolizado com 3 (três)

sílabas, mas que na verdade possui 4 (quatro) sílabas fonéticas, como apresentado na transcrição anterior.

Quando nos referimos à sílaba pretônica (aquelas que antecedem à tônica), pode-se observar que estas apresentam um grau de debilidade menor quando comparadas às átonas das sílabas paroxítonas. Esse fenômeno dá ensejo à classificação de Mattoso Câmara (1977):

- I) atonicidade máxima nas sílabas átonas-finais.
- II) atonicidade média nas pretônicas não-iniciais ou iniciais começadas por vogal;
- III) atonicidade mínima, nas pretônicas iniciais começadas por consoante.

### **4.3 Elevação da Vogal**

Segundo Câmara (1977), dentro da noção silábica português, podemos dizer que a vogal compõe o núcleo da sílaba, sendo que as consoantes não têm função silábica de núcleo.

Esse fonema núcleo pode se apresentar variantemente elevado, resultado de uma neutralização, “processo através do qual dois ou mais fonemas que se opõem em determinado contexto deixam de fazê-lo em outro” (CALLOU & LEITE, 1999, p. 76). A neutralização é um fenômeno corrente na fonologia do português brasileiro. Câmara Jr. (1970) atribui a esse processo a redução no número de fonemas nas posições átonas em comparação ao número de fonemas em posição tônica. Nessa posição, os fonemas /a e \_ i \_ o

u/ exercem função distintiva. Em decorrência da neutralização das vogais médias, emergem três subsistemas, com cinco /a e i o u/, quatro /a e i u/ e três vogais /a i u/, nas posições pretônica, postônica não final e postônica final, respectivamente. A neutralização é, portanto, um processo que tem uma função estruturante no sistema do português. É a partir de sua aplicação que se define o número de fonemas em cada uma das posições da palavra: posição tônica, pretônica ou postônica.

## CONCLUSÃO

Podemos chegar à consideração final de que o “categórico” ( que, em geral, é desprezado pelos sociolinguístas) como ferramenta da descrição fonológica do português do Brasil. Diante do que foi exposto, podemos concluir que não existe uma motivação específica para o fenômeno de alteamento da vogal pretônica. Os motivos variados também não cabem apenas em uma proposta neogramática ou difusionista, ora esta faz-se mas pertinente, ora aquela se apresenta como mas favorável para um explicação para o fenômeno estudado.

Dentro dessa amplitude de motivos, deve-se destacar que há muitas situações específicas, tendentes ao âmbito neogramático, assim como expõe Graebin (2009) nos exemplos *b[u]nito* e *p[u]lícia*. Neste mesmo contexto, pode aparecer contextos não elevados.

O que parece ser mais pacífico dentro dos três trabalhos analisados é a elevação categórica nos contextos /ES/ e /EN/. Há outros contextos, como foi explicitado, que favorecem a elevação, mas que não podem ser considerados categóricos por conta da disparidade dos dados.

Pode-se chegar à conclusão de que é imprudente propor um novo quadro fonológico para o português, levando-se em consideração o contexto pretônico, assim como é feito no contexto de final de palavra. Esta impossibilidade decorre da variabilidade de dados tanto no âmbito regional quanto social, requerendo um trabalho mais detalhado para que possamos revelar, indubitavelmente, quais seriam os contextos que revelariam categoricidade.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALKMIN, Tânia Maria (2003). "Sociolinguística: Parte 1". In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs). *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*, vol. 1. São Paulo: Cortez.

AMORIM, Gustavo da Silveira (2009). *O comportamento do /e/ e do /o/ pretônicos: um estudo variacionista da língua falada culta do Recife*. Dissertação de Mestrado- Universidade Federal de Pernambuco.

BISOL, Leda (2009). *O alçamento da pretônica sem motivação aparente. Português do sul do Brasil : variação fonológica [recurso eletrônico] / Leda Bisol, Gisela Collischonn (organizadoras) ; colab. Cláudia Brescancini ... [et al.]. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: EDIPUCRS.*

BORTONI, S. M., GOMES, C. A., MALVAR, E. S. (1991), et al. Um estudo preliminar do /e/ pretônico. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 20, 75-90.

CALLOU, D., LEITE, Y (1999). *Iniciação a fonética e a fonologia*. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro,

CÂMARA Jr., J. M (1970). *Princípios de Lingüística Geral*. Rio de Janeiro: Acadêmica.

\_\_\_\_\_. *Dicionário de Lingüística e Gramática* (1977). Petrópolis: Vozes.

FREITAS, Simone Negrão (2001). *As vogais médias pretônicas no falar da cidade de Bragança*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará.

GRAEBIN, Geruza de Souza (2008).. *A fala de Formosa / GO: a pronuncia das vogais médias pretônicas*. Dissertação de Mestrado – Universidade de Brasília.

HANNA, Elizabeth S (1986). *Difusão e focalização dialetal: o caso de Brasília*. Brasília: Unb. Dissertação de Mestrado- Universidade de Brasília.

MONTEIRO, Jose Lemos (2008). *Para compreender Labor*. 3. Ed. Petrópolis/RJ: Vozes.

OLIVEIRA, Klebson (2009). *A escrita que mascara e desmascara: alteamento de vogais átonas em textos brasileiros oitocentistas*. In: Oliveira, Klebson; Cunha e Souza, Hirão F.; Soledade, Juliana. (org.) *Do português arcaico ao português brasileiro: outras histórias*: p. 216-226.

VIEIRA, Maria José Blaskovski (2009). *As vogais médias átonas nas três capitais do sul do País*. In: Português do sul do Brasil : variação fonológica [recurso eletrônico] / Leda Bisol, Gisela Collischonn (organizadoras) ; colab. Cláudia Brescancini ... [et al.]. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: EDIPUCRS.